

Resumo Semanal

20/06 a 27/06

Cenário Internacional

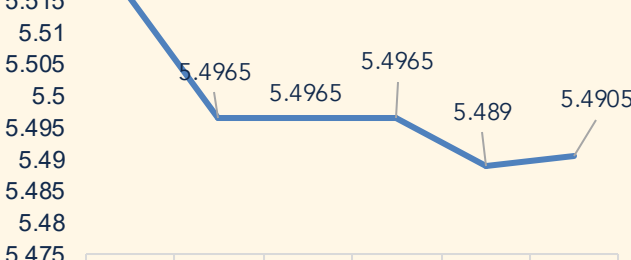
As bolsas americanas tiveram um desempenho bastante positivo nessa semana e o S&P500 encerrou com uma valorização de 3,44%. O dólar registrou uma queda de 0,45% frente ao real.

Nos indicadores econômicos, o destaque ficou com a divulgação do núcleo do PCE nos Estados Unidos, principal indicador de inflação monitorado pelo Federal Reserve. O índice subiu 0,2% em maio na comparação mensal e 2,7% na base anual, levemente acima das projeções do mercado, que esperavam 0,1% e 2,6%, respectivamente. Powell, presidente do FED, afirmou em depoimento ao Congresso que não há pressa para cortar os juros, especialmente diante da alta das tarifas de importação e dos riscos inflacionários associados.

No cenário político e comercial, o mercado foi surpreendido no último fim de semana pelo envolvimento direto dos Estados Unidos no conflito entre Israel e Irã, com ataques à instalações nucleares iranianas. O temor de escalada regional elevou os riscos no Oriente Médio, especialmente em torno do Estreito de Ormuz, rota estratégica para o petróleo. Porém, o anúncio de um cessar-fogo total, confirmado por autoridades israelenses e iranianas, trouxe alívio e reduziu a volatilidade nos mercados.

Os mercados reagiram positivamente à combinação de cessar-fogo no Oriente Médio, à expectativa de novos acordos comerciais e à inflação sob controle. O S&P 500 e o Nasdaq renovaram suas máximas históricas, após uma notícia de acordo entre EUA e China nessa sexta-feira 27.

Variação do Dólar



Desempenho do dólar

	Na Semana	No mês	No ano
	-0,45%	-4,06%	-11,13%

Ativo	Na Semana	No Mês	No Ano
S&P 500	3,44%	4,42%	4,96%
Nasdaq	4,25%	6,07%	4,99%

Brasil

Bolsa

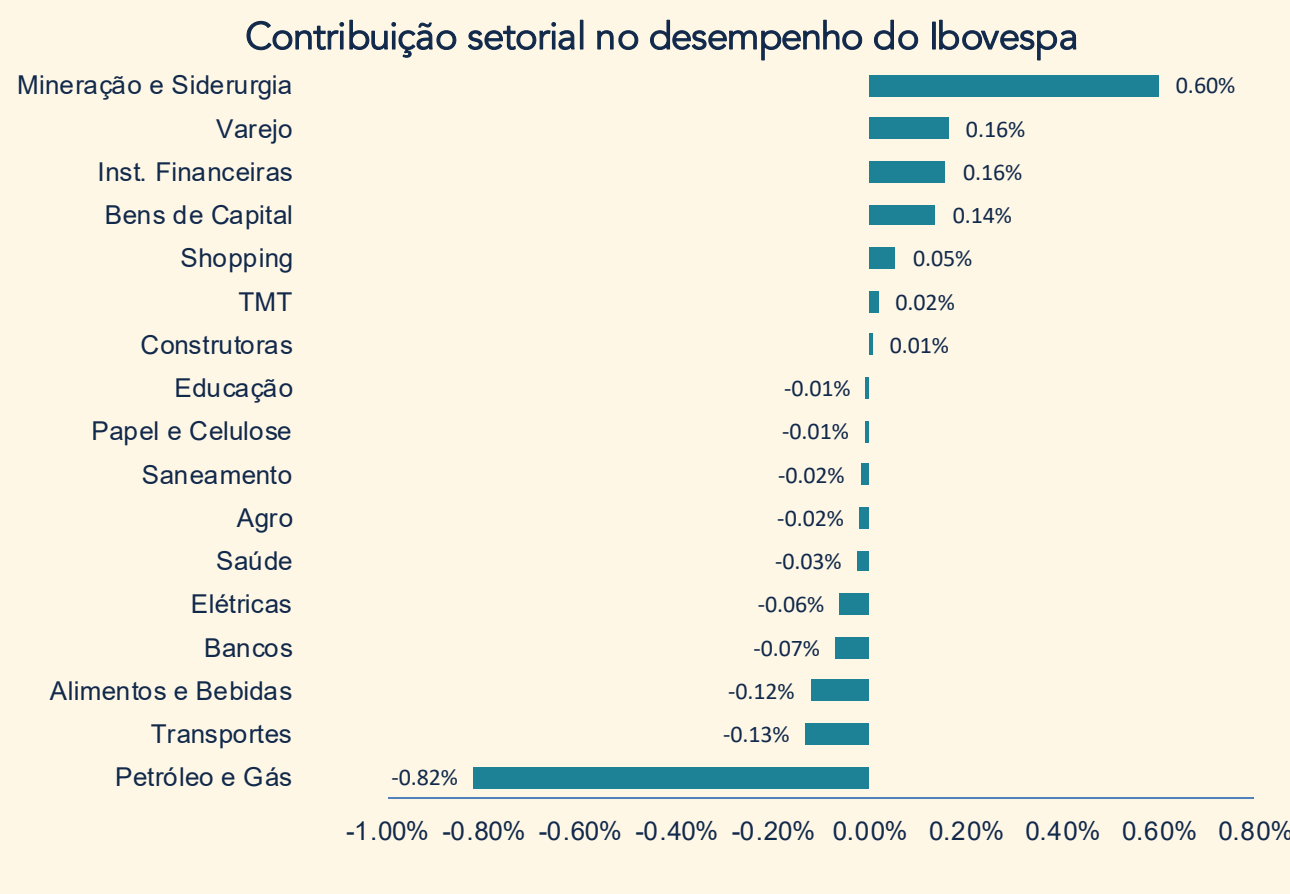
O Ibovespa encerrou a semana estável mais uma vez, com uma pequena queda de 0,18%, cotado a 136.865 pontos.

A bolsa brasileira teve uma dinâmica diferente das semanas anteriores. O setor de Óleo & Gás, que vinha sendo o maior contribuinte na ponta positiva da balança, passou a ser o principal detratador do desempenho do Ibovespa. As preocupações dos agentes de mercado em relação à possibilidade de diminuição de fornecimento de petróleo no mundo vinha impulsionando os preços nas últimas semanas, já que os confrontos no Oriente Médio poderiam dificultar o transporte da *commodity* na saída no Golfo Pérsico. Essa semana, à medida que o conflito foi caminhando para um cenário menos estressado, as cotações do petróleo voltaram a cair. As empresas do setor de Mineração & Siderurgia subiram na esteira da valorização dos preços do minério de ferro no mercado futuro. Por fim, também contribuíram positivamente os setores cíclicos, ligados à economia interna, que se valorizaram a medida que os dados econômicos e as reuniões dos bancos centrais brasileiro e americano derrubaram as taxas de juros futuras.

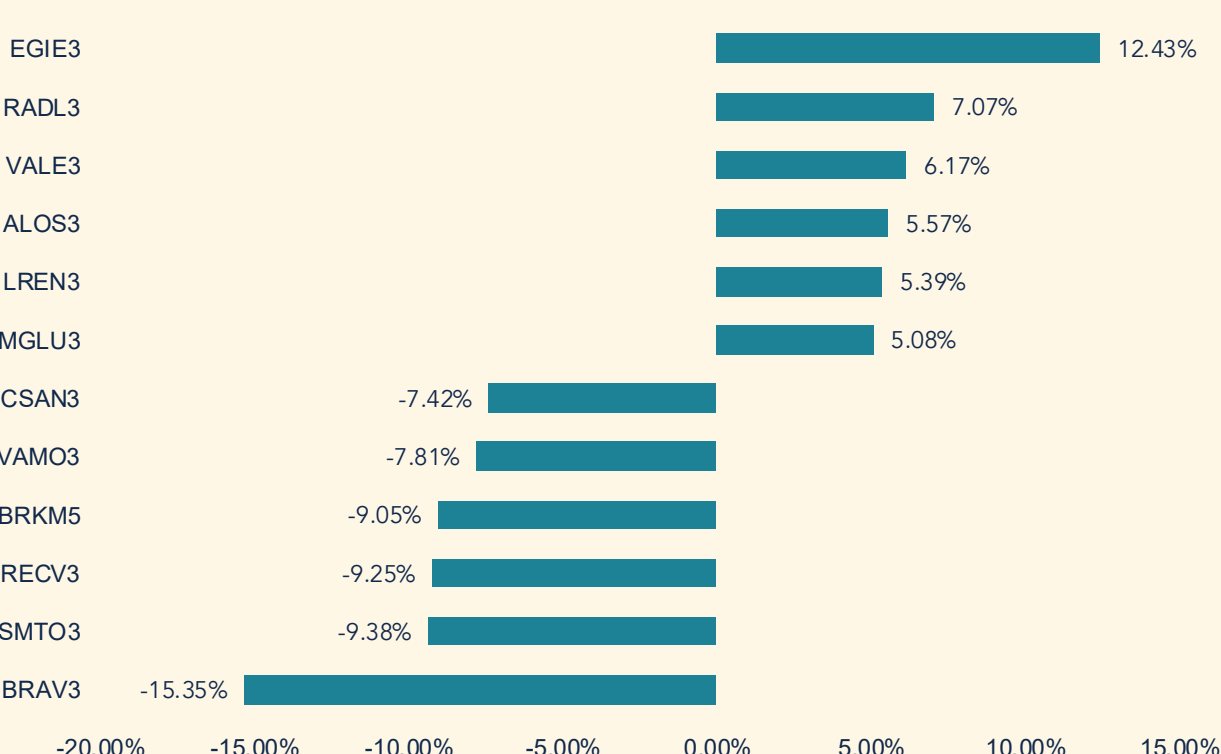
As ações da Vale (VALE3) foram as principais contribuintes, dada sua grande participação no índice, após subirem 6,17% na semana. Allos (ALOS3), Multiplan (MULT3) e Lojas Renner (LREN3) subiram 5,57%, 4,60% e 5,39% respectivamente, com a ajuda da queda nas taxas de juros futuras. Completam as maiores altas a Engie (EGIE3), com alta de 12,43% após troca na diretoria e Raia (RADL3) com alta de 7,07%.

O ranking de maiores quedas foi dominado pelas empresas de Óleo & Gás. As ações da Brava (-15,35%), Braskem (-9,05%), Petro Recôncavo (-9,25%) e Cosan (-7,42%) foram os destaques, acompanhadas de São Martinho (-9,38%) que derreteu após resultados bastante fracos, e Vamos, que caiu 7,81%.

Contribuição setorial no desempenho do Ibovespa



Maiores variações semanais - Ações

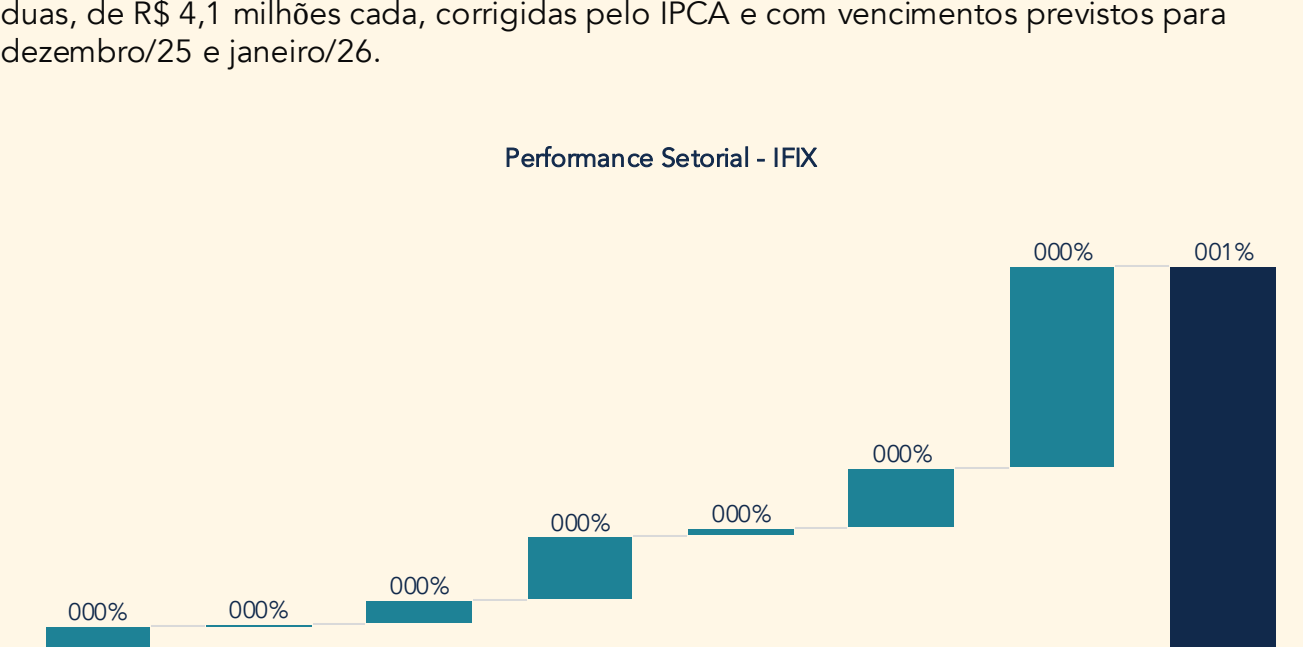


Fundos Imobiliários

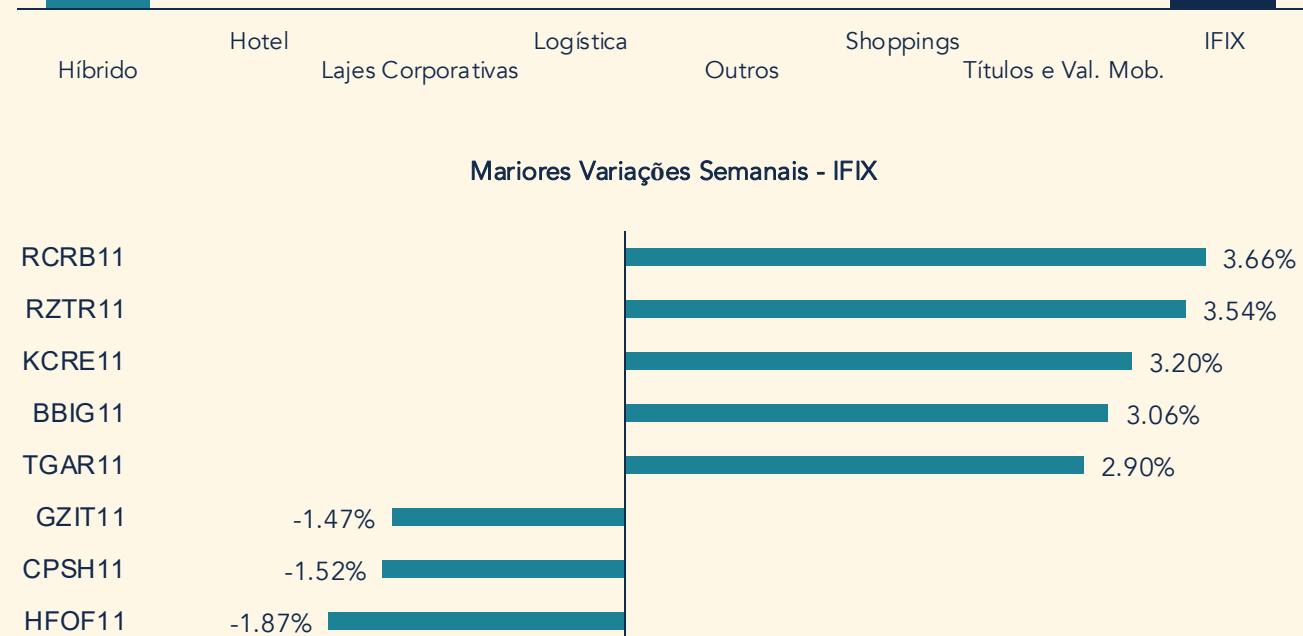
A performance do IFIX na semana fora de 0,76%, carregado principalmente pelos setores de TVM e Logística, com semanas de, respectivamente, 0,34% e 0,11%.

Dos fundos acompanhados pela área de produtos, tivemos apenas uma atualização: o fundo TRXF11 anunciou a aquisição de um imóvel localizado em Caldas Novas (GO). Atualmente, o imóvel está locado ao Assai Atacadista. O valor da compra é de R\$ 47,1 milhões, com pagamento dividido em três parcelas: a primeira, de R\$ 38,8 milhões, e outras duas, de R\$ 4,1 milhões cada, corrigidas pelo IPCA e com vencimentos previstos para dezembro/25 e janeiro/26.

Performance Setorial - IFIX



Maiores Variações Semanais - IFIX



Juros e Renda Fixa

O mercado de juros no Brasil teve uma semana de ajustes após a decisão do Copom, que elevou a Selic para 15% ao ano no dia 19/06. A ata divulgada na terça-feira (25/06) reforçou o tom mais conservador do Banco Central, indicando que os juros devem permanecer elevados por um período prolongado. Esse posicionamento, aliado ao alívio nas pressões externas, como a sinalização do Federal Reserve de que considera possível um corte nos juros dos EUA em 2025, e à trégua geopolítica no Oriente Médio, ajudou a reduzir as taxas em parte da curva. Ainda assim, a votação na Câmara de um projeto que reverteu o aumento do IOF reacendeu preocupações fiscais e voltou a pressionar os vencimentos mais longos. O IPCA-15 abaixo do esperado, divulgado na quinta-feira (26/06), trouxe alívio adicional, reforçando a percepção de que a inflação segue sob controle.

Na semana, as taxas de curto prazo mostraram leve alta, com o DI para janeiro de 2026 passando de 14,90% para 14,93%, refletindo a consolidação da Selic em 15% após a decisão do Copom. Já para janeiro de 2027 manteve-se praticamente estável, saindo de 14,17% para 14,19%, indicando que o mercado segue cauteloso em relação ao controle da inflação no médio prazo. Nos vencimentos mais longos, o DI para janeiro de 2029 caiu de 13,38% para 13,30%, enquanto o de janeiro de 2031 recuou de 13,56% para 13,46%. A queda nas taxas longas sugere que os investidores enxergam menor risco fiscal à frente e começam a considerar um possível corte de juros a partir de 2026.

A semana foi positiva para os principais índices de renda fixa, com destaque para os títulos prefixados. O IRF-M, que representa os papéis públicos com taxa fixa, avançou 0,56%, refletindo o alívio observado na taxa curta da curva de juros após a divulgação do IPCA-15. Já os títulos de debêntures atrelados à inflação também registraram desempenho positivo. O IMA-B 5+, que representa papéis com vencimentos acima de cinco anos, subiu 0,32%, enquanto o IMA-B 5, com vencimentos mais curtos, teve alta de 0,17%. No agregado, o IMA-B, que reúne ambos os prazos, registrou valorização de 0,26%.

No mercado de crédito privado, os retornos também foram positivos. O IDA DI, índice que acompanha debêntures corporativas atreladas ao CDI, avançou 0,31%, beneficiado pela manutenção da Selic em nível elevado. Já o IDA IPCA, que reúne debêntures corrigidas pela inflação, subiu 0,32%, acompanhando o desempenho favorável dos papéis públicos indexados ao IPCA.

Índice	Retorno		Retorno Acumulado			Descrição	Títulos Impactados
	20/06 - 27/06	Mês	2025	1 Mês	12 Meses		
CDI	0,28%	0,99%	6,30%	1,21%	12,11%	Taxa referencial de empréstimos entre bancos.	CDBs, LCIs, LCAs, Fundos DI, Debêntures CDI.
IMA-B	0,26%	0,54%	7,99%	0,42%	5,95%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA.	Tesouro IPCA+ em geral (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5	0,17%	0,17%	5,75%	0,21%	8,48%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento até 5 anos.	Tesouro IPCA+ de curto prazo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5+	0,32%	0,78%	9,57%	0,57%	4,48%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento acima de 5 anos.	Tesouro IPCA+ longo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IRF-M	0,56%	1,24%	10,18%	1,44%	10,20%	Índice de títulos públicos prefixados.	Tesouro Prefixado (LTN e NTN-F), Debêntures Prefixadas, CRIs, CRAs.
IDA DI	0,31%	0,98%	7,92%	1,26%	13,61%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao CDI.	Debêntures DI, CRIs e CRAs.
IDA IPCA	0,32%	0,86%	10,00%	0,84%	9,81%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao IPCA.	Debêntures IPCA+, CRIs e CRAs.

